

11 agosto, 1981

FOTOGRAFIA POR UM BURACO DE ALFINETE

UMA CAIXA DE PAPELÃO ENSINA CRIANÇAS A FOTOGRAFAR

Stela Lachtermacher

UMA simples caixa de papelão pode transformar-se em máquina fotográfica e registrar momentos, quase emoções: é a "mágica" que Lourdes Maria Carvalho Grzbowski vem desenvolvendo para desmistificar o aparato tecnológico da fotografia e mostrar que uma foto pode ser feita com um mínimo de condições.

Buscando um trabalho cujo resultado aparecesse mais de imediato, e algo mais palpável do que a teoria com a qual vinha lidando, Lourdes abandonou o doutorado em sociologia da educação, na Sorbone em Paris, para se dedicar à fotografia, com uma preocupação básica — a utilização social desta arte.

Voltando para o Rio em 79, Lourdes foi dar aula de fotografia básica na Escola de Artes Visuais do Parque Laje, onde conheceu Rosa Alice de Almeida Sales, que havia desenvolvido um trabalho para a tese de graduação do curso de comunicação e expressão da PUC sobre a arte de fotografar através de um simples buraco de alfinete, exatamente o princípio da "caixinha mágica".

Na Escola de Artes Visuais, surgiu a oportunidade de desenvolverem a técnica da caixinha fotográfica em um curso para crianças. "A gente começava mostrando pra criança que a fotografia é a escrita através da luz" — enquanto explica, Lourdes vai mostrando fotos que documentam todas as suas experiências — "ai então é que entra a preocupação social, na medida em que quando passei a trabalhar com fotografia, passei a ver detalhes através das imagens, coisas que antes não via, e com a caixinha muito mais gente pode chegar à fotografia, já que o material utilizado é bem mais acessível."

No desenvolvimento do projeto da caixinha fotográfica, Lourdes e Rosa não menosprezaram as técnicas modernas, pois usam também o material fotossensível. Na verdade, há uma superposição da tecnologia moderna e o método mais rudimentar, no qual é baseada a própria "caixinha".

Um dos primeiros objetivos das duas professoras no Parque Laje era fazer as crianças entenderem através da prática que estavam escrevendo com a luz. E para mostrar isso, uma das experiências durante o curso se dava numa sala completamente escura, onde cada criança tinha na mão um foco de luz — uma lanterna, um fósforo, um cigarro, etc. — e, desenhando com esses objetos no ar, cada criança passava uma mensagem para o grupo. Esta experiência é baseada num quadro de Picasso — O Minotauro — feito com esta técnica, explica Lourdes.

Outra experiência partiu da idéia de desmistificar os aparatos tecnológicos. Junto com as crianças, Lourdes e Rosa construíram uma caixa fotográfica gigante, em que as pessoas podiam entrar. A estrutura dessa caixa era exatamente igual à das outras caixinhas fotográficas, ou seja, além de totalmente vedada, tinha o mesmo recorte na tampa, onde foi colado o papel laminado e então feito o furo com alfinete, para passar a luz.

Da mesma forma, foi colocado um anteparo de papelão, colado com fita crepe, para fechar o buraco do alfinete, assim que terminasse o tempo de exposição necessário. Na



Um pequeno fotógrafo olha pelo visor, a jovem modelo se coloca sobre a câmara, que deve ficar absolutamente imóvel. O resultado de uma foto tirada por esse mecanismo simples é este, o pátio, as colunas, o lago

primeira parte do trabalho, as crianças entravam na caixa, uma de cada vez, segurando um papel comum, branco, em frente ao furo de alfinete, e percebiam que a imagem de fora aparecia nesse papel de cabeça para baixo, conforme explicam as complicadas teorias físicas. Só que eles estavam vivendo aquilo, participando, e não apenas recebendo informações que pareciam tão distantes da realidade, como aceitar apenas que as imagens aparecem invertidas devido à propagação dos raios de luz.

Depois então de compreendido este princípio, as crianças passavam a trabalhar dentro da caixa gigante, mas agora com papel fotossensível, onde a imagem de fora estava realmente sendo impressa. Dentro da mesma caixa, Lourdes e Rosa construíram um minilaboratório, apenas com as peças básicas. Assim, na "gigante caixa mágica" a criança acompanhava todo o processo, desde a escolha da imagem, enquadramento, até a impressão. Depois disso, cada criança partiu então para a construção de sua própria caixinha fotográfica.

Com suas "máquinas" prontas, as crianças começaram então a fazer experiências sobre o tempo de exposição, ou seja, quanto tempo a janela da máquina deveria ficar aberta para cada foto, já que o único método a ser adotado no caso era o da tentativa e erro. Num dia claro de sol pode-se tirar uma foto com a caixinha em quatro ou cinco minutos, com um dia nublado este tempo de exposição deve aumentar para cerca de 15 minutos ou mais. E Lourdes, relatando as experiências, lembra que nas fotografias de antigamente, como o material usado era bem menos sensível, o tempo de exposição às vezes chegava a oito horas.

Com o negativo já pronto em papel fotossensível, a criança passa então a viver a expectativa de ver a imagem revelada, e surpresa descobre que a caixinha realmente funciona.

Também a fase de laboratório é vivida pelas crianças em todas as suas etapas. O laboratório montado para o curso era composto de uma lâmpada vermelha, um abajur

com uma lâmpada comum de 40 velas (que funciona como ampliador), dois funis de papelão preto, para aproximar a luz do negativo, e as bacias com revelador, interruptor, fixador e água.

E eis então que a imagem aparece, mas em negativo, ou seja, as partes claras da foto estão pretas e vice-versa. Para fazer o positivo da fotografia, coloca-se o papel fotossensível virgem embaixo, com a gelatina (parte mais brilhosa) virada para cima, e o negativo fica por cima, com a gelatina virada pra baixo. Sobre os dois é colocado então um vidro liso transparente, para evitar que saiam do lugar durante a ampliação. Acende-se o abajur que está sendo usado como ampliador, e depois de 10 a 15 segundos a foto estará pronta para ser revelada.

Depois da experiência com crianças, Lourdes passou os últimos quatro meses aplicando a técnica junto a professores de escolas públicas do Estado, que transmitirão o que aprenderam para seus alunos, em sala de aula. Este projeto, segundo Lourdes, vem exatamente ao encontro do objetivo dela e de Rosa Alice — utilização social da fotografia.

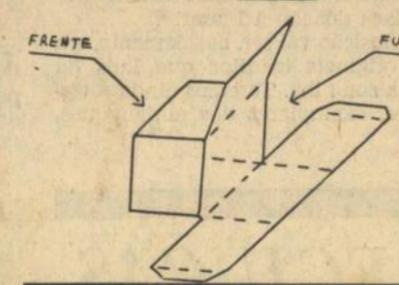
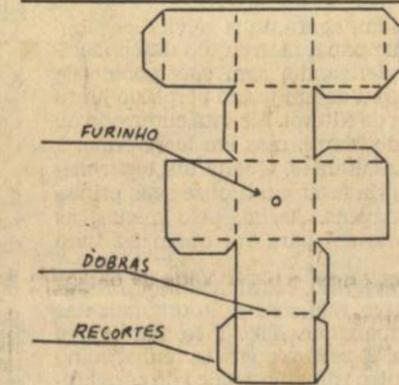
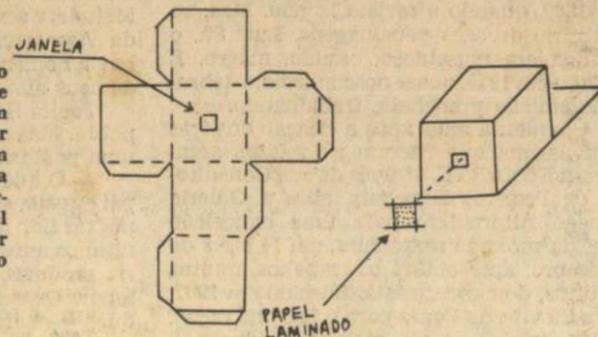
"Com a caixinha as crianças das escolas públicas podem ter, em geral pela primeira vez, acesso a este tipo de trabalho que é a fotografia. Dessa forma, pode retratar seu meio-ambiente e passar até a conhecê-lo melhor, através das imagens."

Além desse projeto, que terá continuidade a partir de outubro com novos grupos de professores, Lourdes e Rosa escreveram um livro sobre todas estas experiências, enfocando principalmente a parte técnica do trabalho, e como explicou Lourdes, o livro ajuda a criança a construir sua caixinha fotográfica até mesmo em casa. Com o título *A Criança Fotografa*, o livro deve sair até o final deste ano.

E hoje, certa de que este é o caminho, Lourdes conclui que "a fotografia pode realmente ser feita com um mínimo de condições," e como diz o pessoal, "a gente vai desbancar os japoneses com esta caixinha".

A CÂMARA

Pegue ou faça uma caixa de papelão preto. No centro de uma das faces, corte uma janela quadrada e cubra-a com papel laminado de forma a não deixar entrar luz. No papel laminado faça um furo com alfinete. A face oposta à da janela deve ficar aberta para, mais tarde, em local escuro, colocar-se o papel fotográfico, colado com fita crepe (por trás), e com o lado brilhante voltado para a janela da caixinha.



O VISOR

Faça uma caixa de papelão preto, com um furinho de alfinete numa das faces, que passa a ser a da frente. Cubra a face oposta com papel manteiga e em volta coloque abas pretas para proteger os olhos da luz direta do sol. Através do furinho de alfinete, aparece, então, a imagem que vai ser fotografada.

